



FELIZ ANIVERSÁRIO

“FELIZ ANIVERSÁRIO”

Escrito por Samuel Peregrino

Capa

Imagem que representa um dos Cantos do "Inferno", primeiro dos três longos poemas que formam a Comédia (posteriormente Divina Comédia), obra-prima de Dante Alighieri. Mapa do Inferno de Dante. Ilustração de Bartolomeo (século XV), Montagem: Sam

Ele caminha por entre fantasiados e colunas de mármore. Velas iluminam o saguão perfumado de dentro dos bolos de mel, redondos como a lua. A luz espanta os Lemures. Passos macios, sandálias de tira trançada, túnica ornamentada de corte retangular, na cintura, um cordão de lã, no broche preso ao ombro, seu nome, não seu pecado. A pompa se aglomera nas portas o saudando. Ele caminha firme pelo piso de cal, acenando à multidão, cumprimentando mercadores, agraciando matronas romanas. Estão todos ante ao busto de Artemis, prestar-lhe homenagens. A família orgulha-se dissimuladamente, amigos oferecem presentes preciosos. A turba? Vocifera à mesa, inebriada, indiferente. Os servos não foram convidados para a festa.

À beira do lago de Avernus, oráculos dos mortos conjuram sortilégios. As sombras dos espíritos chamados na densa treva da boca do Aqueronte, o rio do sangue salgado. Das entranhas da terra, gemidos lamuriosos ecoavam por passagens subterrâneas. Há três classes de mortos sem descanso: os que se foram antes do tempo, os que ficaram sem túmulo e os que sofreram morte violenta. Pertencem à última classe.

A maquiagem esboça fantasmas de sombras insubstanciais. Dançam e se alegram ao som do píforo. Cantam e se embriagam as pírias do possuidor. Goza sua última vida, desfruta a regalia de seus tesouros, comemore anos, amanhã acordará junto a esqueletos etéreos.

A festa acabou. Livre de convidados e entes queridos, ele passeia pelo átrio interno sob débeis chamas de tochas tremeluzindo nas portas mudas onde escravos dormem. Tudo é quieto no jardim fechado de sua casa. Sentado, ébrio, divaga aos céus. O passado sobre as costas, os joelhos trôpegos de Atlas. “Zeus, existe distinção entre os mortos?” Ele brada. O copo em punho, movimentos circulares. No reino de Hades, servo ou senhor atravessam o Rio da Morte na mesma barca dos homens. Vou dar-lhe meus cumprimentos. Lembrará-se de mim? Das horas algozes em seu pátio de pedra polida? Da injustiça da dívida ?

“Ô credor, tenha paciência! Não se arremeta aos meus. Não os tire de mim. Dá-me prazo, pagarei tudo o que devo.”

As palavras seladas no cárcere do esquecimento do tempo. O estrado no meio da praça – no leilão ardil arremataram-me por duas efígies divinas. Vendido a um general espartano, fugi. Anos passaram, voltei à cidade. De minha família, encontrei os ossos lançados num poço imundo, nos arredores de sua casa. Me joguei.

Fez-se um ano. Vim pagar-lhe a dívida. Ele se debruça sobre o tampo de pedra calcária, sem perceber os escravos soltando grilhões – não há sentinelas na casa do senhor. Eles se aproximam, sem acreditar no que veem contemplam-no acuado, sem a vara na mão, embriagado de insensatez. Antes da fuga o golpeiam com pedras, paus – pulsos se abrem, dentes cravados na carne gordurosa – o ódio é recente, o plano bem arquitetado, eles se vão saltando muros.

Por detrás de uma pequena oliveira, vejo o cadáver de meu patrão estirado ao relento. Uma chuva miúda se mistura ao sangue escorrendo pelo jardim. Seu espírito ainda repousa no corpo, desacreditado. Chamo por seu nome. Depois de um momento ergue o olhar ao esmo – os olhos como dois tições que se vão extinguindo no vácuo. Peço que me siga.

Caminhamos pela cidade escura, cortando a bruma que esconde bosques primitivos. Ante a passagem subterrânea, ouço o caçoar de muitas vozes, os mortos zombam aos céus. “Vamos, entre.” Lhe ordeno friamente. Seu espírito é pequeno, frágil, uma distorcida sombra daquilo foi. “Vamos!” Grito. Ele caminha atemorizado enquanto descemos a escadaria circular. Velas fincadas por toda a parede de terra batida iluminam a trilha na escuridão. “Nesse lugar, não se volta os anos, mas se lhe ameniza a pena, muitos dos seus aqui estão a felicitar-lhe.” Minha voz transpassava-o e eclodia no labirinto que afunilava, reverberando na treva um som gutural de deboche. “Desça, meu senhor, ainda é mais embaixo.”